



PARANA'—BRAZIL.



Fundadores :

*Dario Vellozo,
Silveira Netto, Julio Pernetta,
Antonio Braga.*

Anno II

17.^o Fasciculo

O CENACULO

Redacção :

Dario Vellozo e Julio Pernetta

Summula :

PAGS.:

I DR. JUSTINIANO DE MELLO, por Dario Vellozo	33
II MISSA ALDEAN, de Leoncio Correia	35
III OLHOS VASIOS, de Julio Pernetta.	37
IV ESQUECE ! de Antonio Braga	40
V NOX, de Elyzeo Montarroyos	41
VI PELOS INDIOS, por Dario Vellozo.	42
VII EXOTISMO, por Dario Vellozo, Silveira Netto, Julio Pernetta, Antonio Braga	49

Tomo III

Agosto de 1896

—N.^o 2

— CORITIBA —



DR. JUSTINIANO DE MELLO

Segui ultimamente para o Estado da Bahia o Dr. Justiniano de Mello. O illustre ex-lente do *Instituto* que, durante cerca de vinte annos, soube vazar na alma da mocidade paranaense fecundos principios de liberdade e independencia, incutindo-lhe ao mesmo tempo salutares energias e superiores ensinamentos, — todo um elemento de reacção e progresso, — lá se foi, tramite do Norte, desilludido e desesperançado, farto de soffrer a guerrilha cobarde da mediocridade invejosa, levando a centro menos retrogrado, e mais avido de saber, a bella actividate de sua esclarecida intelligencia e o admiravel exemplo de seo caracter impolluto.

E' caso para se dar pezames á instrucção do Paraná !

Elle, que foi sempre vivo protesto contra a oligarchia e o privilegio, contra o poderio dos fortes, contra a expoliação das classes indigentes ; que se bateo pelos opprimidos, pelas victimas da mizeria e da ignorancia, pela liberdade e egualdade dos homens ; que fez da imprensa paranaense o estandarte das grandes ideas, e da tribuna o escudo dos simples, o porta-voz da verdade ; partio, ignorado e só, — victima dos ideaes que defendera, — martyr da dignidade e do caracter, — victimado pela ironia do Destino, — sem a sagracao do povo, por quem pugnou, e que já vae colhendo os fructos da semente por elle á terra atirada. Preciosa semente aquella, cuja eclosão pujante levou ao inconsciente da alma popular indiziveis reacções vivificantes e aperfeiçoadoras !

A mocidade estudiosa do Paraná perdeo seo melhor estimulo, — seo unico estimulo : — aquelle extraordinario exemplo de vontade energica, de abnegação estoica e rara pelo estudo, a que o Dr. Justiniano de Mello tem sacrificado os annos de vida, o futuro, e os mais confortaveis meios de subsistencia.

O CENACULO rende-lhe mais uma vez a homenagem a que tem indiscutivel direito, como homem e como philosopho.

A injustiça de que é victima, — é o doloroso galardão do genio.

Os homens de merito não são, quasi nunca, devidamente julgados pelos contemporaneos. E' que todo homem de genio traz em si o germe de uma revolta.

Ahi estão, para proval-o, os sublimados martyres da Historia.

O alarido dos sentimentos perversos abafa o protesto da consciencia. Só o futuro redime.

« A justiça » — disse Esquiros — « chega tarde ou cedo para os grandes homens, mas já os encontra na sepultura. »

Dolorosa verdade !

E' dos nobres espiritos lutar, illuminar, sacrificar-se e fenercer. A humanidade aproveita-lhes os ensinamentos, bebe-lhes a seiva ; e os atira ingratamente no regaço da Morte !

Então, quando a piedosa noite do sepulchro envolve o cadaver dos martyres, começa o arrependimento dos homens de accender-lhes na fronte a estrella da immortalidade. E' que o genio tem sempre um calvario a subir : — a ignorancia do povo que pretende salvar. E é preciso subir ao Calvario, para que a luz da justiça circumde a cabeça do vencido de uma aureola de martyrio.

O martyrio leva á immortalidade. O vencido de hoje será o vencedor de amanhã.

A justiça, para o Dr. Justiniano de Mello, — cremos, — começará mais cedo, — pois seo nome querido está gloriosamente engastado no coração da mocidade paranaense, que ora surge ; — e a mocidade é a alma dos povos, é o sacerocio dos martyres da Humanidade.

O CENACULO beija as mãos ao venerando Mestre.

Coritiba, 18 de Agosto de 1896.

Pela Redacção :

DARIO VELLOZO.



MISSA ALDEAN

(Impressões de um domingo em olonia)

Manhan de hinverno, limpida e fria,
Vento cantante, que vem do sul ;
Por entre beijos, a Poesia
Enche de risos o ceo azul.

Campinas longas e verdejantes
Aos pés se estendem dos pinheiraes,
Que os braços torcem, como gigantes
Silenciosos e colossaes...

A egreja branca, com ar festivo,
Ri-se á caricia quente do sol
Desde que a Noite, como um lascivo,
Toda encolheo-se no caracol.

No alto da torre repicam sinos
Chamando o povo para a Oraçao,
E as almas douram os doces hymnos
Da Fé, da Crença, da Devoção.

A voz dos sinos como vae longe
Dizer aos simples :—Vinde rezar !
Tem a dolencia da voz de um monge
Falando ao povo junto do altar.

Desperta o povo chegando á porta
De alegres casas, áquelle som...
A mãe ao filho, severa, exhorta
Que assista á missa... dilin... dolon... .

Baombam sinos, chegam devotos,
Vem um noivado, —que par os doux !
Mas os que habitam campos remotos,
Longes logares, chegam depois.

Rijas velhinhas, de branca touca,
 Cobrem o hinverno, que á fronte têm,
 Batem no peito, com um sol na bocca
 Rezam baixinho, dizem : Amen.

Creanças louras, de leite e rosas,
 Cabellos de ouro, de olhos azues,
 Antes da missa saltam ruidosas
 E descuidadas pelos paíes...

Colonos fortes, a nostalgia
 Tendo da Patria no triste olhar,
 Vêm nas carretas, que o pão do dia
 Nos outros dias hão de lhes dar.

Contricto, o crente penetra o Templo,
 Toma agoa benta, beija Jesus,
 O meigo Poeta que deo o exemplo
 De, pr'a salvar-nos, morrer na cruz.

O padre surge, grave e solenne,
 Nas suas vestes sacerdotaes,
 E o povo, ás vezes leão infrene,
 Humilde a folha volta aos missaes.

Canta. E ha no canto tanta tristeza,
 Do povo rude, tal mansidão,
 Que a alma da gente se torna preza
 De uma infinita desolação !

Termina a missa. Voltam de novo
 Rudes camponios para o seo lar.
 Com que alegria relembrar o povo
 Ter-se ajoelhado diante do altar.

Ae ! com que inveja vos acompanho,
 Eu ! desgraçado como os hebreos !
 Déstes ás almas o doce banho
 Do casto beijo que vem de Deos.

(Para as «Trovas do Sul».)

LEONCIO CORREIA

OLHOS VASIOS

Que olhos esplendidos, que magnificos olhos tinha Clotilde !... olhos feitos de luar de sonhos e nostalgias voluptuosas, feitos de remorsos e de suicidios...

Sempre que me fitava longamente, os seos olhos incomparaveis tinham lampejos de allucinaçao hysterica ; e grunhiam supplicas, selvagemente, movendo-se nas orbitas, como dous prisioneiros gemeos, eternamente vigilantes.

Os olhos de Clotilde attrahiam-me, faziam-me viver preso, miseravelmente arrastado, sem vontades, — numa obediencia cega de pagem amoroso. Eu os seguia por toda parte, eu os via sempre, sempre somnambulos e loucos, macabrearem numa dança estranha, bamboleada, nuns requebros satanicos, em derredor dos meos sonhos.

Sonho!... sonho!... Sim, eu sonhei, eu sonhei muito, muito, na placidez inconsciente e mortificante da minha primeira lagrima, lagrima que verti pensando nos olhos de Clotilde, olhos magestosos, cheios de uma superioridade rispida, que me fascinavam, prendiam, dominavam, deliciosamente, amorosamente.

Eu era feliz, e Clotilde comprehendia isso perfeitamente ; comprehendia e augmentava a minha felicidade, roçando, ás vezes, por meos labios os seos labios quentes e rubros, dando-me a beber na concha esplendida da sua bocca, feita de petalas de rosa, a capitosa essencia de absintho enervante, que me inertificava e me abstrahia numa contemplação louca e dolorosa de prisioneiro de um sonho.

Os olhos de Clotilde eram perversos e maos ; nunca os pude ver lacrimosos.

Os olhos de Clotilde não choraram nunca uma só lagrima de dor ou piedade ; não, não choraram nunca !... Humedeciam-se, ás vezes, na febre tantalica e allucinante de um desejo, lendo a *Carne*, de Julio Ribeiro, ou o *Homem*, de Aluizio de Azevedo. Então, sentia fremitos luxuriosos, a epiderme do seo corpo branco, de marmore animado, arripiava-se num exaspero de sensaçao electrica.

Amei muito a Clotilde. E, na febre daquelle amor desventurado, julguei-a sancta ; adorei-a muito, muito. Quando a via, na omnipotencia resplandecente de sua belleza extraordinaria, exuberante de mocidade e satanismo, jenuflexava-me, arrastava-me ante ella, para offerecer-lhe, para supplicar-lhe que aceitasse as oblações do meu amor espinhosado de ciumes, de muitos ciumes...

E Clotilde comprehendia isso perfeitamente...

.

Um dia a morte arrebatou Clotilde dos meos braços, no momento em que eu a beijava. Ella me pertencia ; era minha, somente minha ; os seos olhos, os olhos maravilhosos de Clotilde, só fitavam os meos olhos, longamente, como procurando ler no fundo de minhas pupilas, em caracteres de lagrimas, toda a historia de um passado de pezadellos.

Amei muito a Clotilde ; porem, o meu amor foi impotente para impedir que a morte a conduzisse para a Siberia de seo paiz espiritual.

Clotilde morreo. Eu a vi, branca, amortalhada num estreito caixão forrado de damasco azul. Os seos olhos, os olhos maravilhosos de Clotilde, não se fecharam nunca. Por mais que uma velha, exotica e rugosa, monosyllabasse orações de exorcismo, benzendo o cadaver com a mão tremula e encarquilhada, os olhos de Clotilde, immoveis, sem expressão e sem brilho, como duas contas de vidro, não se fecharam nunca : A morte não os poude fechar.

.

Até hoje, os olhos de Clotilde morta, olhos sem brilho, vazios, numa immobilidade funebre de cadaver, seguem-me ; eu os vejo em toda a parte : na lombada dos livros, ao fundo do meu gabinete ; movem-se na meia sombra que projecta a luz amortecida da lamparina. De um sopro extinguo a luz, para ver se os olhos de Clotilde morta desapparecem ; nada !... elles atravessam o espaço ; eu os vejo desoladores como fogos-fatuos por entre sepulturas.

Amei muito os olhos de Clotilde ; e ella comprehendia isso perfeitamente.

E esses olhos, feitos de luar de sonhos e nostalgias voluptuosas, feitos de raivas e de paixões, que me prendiam á garra adunca de refulgencia hypnotizante, a morte immobilisou, anuviando-os para as victorias do amor e as alegrias da vida.

Hoje, os olhos de Clotilde morta ainda me seguem por toda parte. Eu os vejo sempre, sempre, perversos e maos, espec-traes como um remorso, escurraçando a calma que, como passa-ro medroso, ensaia abrigo em meo coração. Os olhos de Clotilde me apavoram, alta noite, no silencio das minhas meditações ; eu os vejo, como sombras, sombras que se corporizam aos meos olhos de vidente do Sonho.

Antes nunca eu houvesse amado Clotilde, nunca a tivesse co-nhecido ; porque, assim, os seos magnificos olhos de ceo estrel-lejado não me estariam apavorando agora, no silencio das mi-nhas meditações de Prometheo da Tortura ; não projectariam o luar funereo das sepulturas no marmore negro onde repouza para todo o sempre a alma somnambula da lagrima que verti pensando nos incomparaveis olhos de Clotilde.

Antes nunca eu houvesse amado Clotilde, não a tivesse co-nhecido nunca, nunca !...

1896.

JULIO PERNETTA.



ESQUECE !

Fujo a mim mesmo pallido de espanto,
Para que a Cruz, sobre este amor — delicto
Que nos condemna e que nos une tanto —
Não abra os braços de algido granito.

Si exticta fosse esta affeição infinda,
Talvez então sentisse, o peito gasto,
Calor e luz ! Ha tanta virgem linda,
E como o teo ha tanto seio casto !

Porem, o coração, sempre luctando
Contra os punhaes acerbos da agonia,
Vae, gotta a gotta, o sangue espadanando
Dos sonhos mortos sobre a lagem fria.

E passam annos ! E, comtudo, sinto
Tristeza tanta e magoa tão profunda,
Que ao ler os versos meos, dirão que minto,
Rindo da estoica dor que me circumda.

Porem, o seio teo que foi vendido
Perante os homens e perante altares,
Sei que, em silencio, agonico e ferido,
Sente na lyra minha os meos pezares.

Mas, ae, querida ! A ti que flagellada
O seio tens na mesma Treva immerso ;
A tique, afflictia, em lagrimas banhada,
Soffres ouvindo o grito de meu verso :

Mais uma angustia te prepara a Vida...
— Talvez com teo olhar tranquillo e triste
Nunca mais possas ver, minha querida,
Quem te prefere a tudo quanto existe !

Então, te peço, olvida este martyrio
Que ha tanto inutilmente nos tortura...
Tudo termina, immaculado lyrio ;
Terminará tambem a desventura.

Longe de mim encontrarás conforto,
Terás allivio á dor que te descora ;
Longe de ti, embora quasi morto,
Quero sonhar como sonhava outrora !...

Coritiba, 3—2--96.

ANTONIO BRAGA.



NOX

Fitei o Ceo como um Caim maldicto que
apostrophasse a natureza toda.

Dario Vellozo.

Emfim tu vens descendo, noite mansa,
O mystico silencio com que a bruma,
Amortalhando, cobre o sol que cança
E afoga-se na lucta com a espuma.

Tu vaes adormecer, uma por uma,
As asperas torturas da esperança,
A duvida, a illusão e a dor que estruma
O nada, para a vida, em que se elança...

Mas, não !... Tambem a noite escura é falsa
E affecta a quietação donde resumbra
A doce paz que o lucto mais realça :

Volupias insaciaveis que se comem,
No protector asylo da noctumba,
Fecundam outros soes... por mal do homem !

ELYZEO MONTARROYOS.

PELOS INDIOS !

Continuação da pag. 10)

II

O Brazileiro autochtone

2

Com quanto se não possam ainda rezolver satisfactoriamente todos os problemas acerca da unidade ou pluralidade das origens humanas, -- prejudicados pelos numerosos obstaculos erguidos pela eschola monogenista, que não tem poupado esforços para confundir e obscurecer os factos e argumentos apresentados pelos adversarios, -- creio, a existencia do autochtone americano é, hoje, mais que aceitavel, pois está patente seo longinquo apparecimento, tão remoto como o do homem do antigo continente. E, a serem exactas, -- como supponho, -- as conclusões de Lund, o homem americano existia, antes mesmo que o antigo continente gozasse das indispensaveis condições de habitabilidade á especie humana.

Constatadas e comprovadas as migrações TUPIS, notada a influencia de civilização remotissima em o nosso Continente, verificado o cruzamento longinquo de numerosas tribus, -- mais se destacam os caracteres particulares do primitivo habitante das cercanias do Sumidouro, -- elemento autochtone, -- que se teria entendido pela America, sendo apoz rechassado pelos primeiros invasores, -- tribus mais fortes e aguerridas, mais civilizadas e despoticas, com as quaes cruzaria fatalmente, (22) constituindo um TYPO, já americano por occasião de invasões subsequentes.

Querer, porein, escudado em taes invasões, remotissimas é verdade, negar a existencia do autochtone americano, como se

(22) «As primeiras mulheres dos TUPIS, estabelecidos no paiz, foram tomadas aos TAPUIAS.» — Visconde de Porto Seguro, — *Origem turaniana dos Americanos Tupi-Caribes (Caribas?) e dos antigos Egypcios, 1876.*

A Opinião do Visconde de Porto Seguro, querendo mostrar a origem turaniana dos TUPIS, está inteiramente compromettida.

Seo livro, porem, apresenta mais de uma observação exacta, qual a dos cruzamentos entre TUPIS e TAPUIAS.

Veja-se, a respeito das origens turanianas, a *Ethnographia Brasileira*, de Sylvio Romero.

tem pretendido fazer, tão somente porque se notassem analogias entre algumas das tribus da America e Asia ; querer, pelo simples facto da não autochtonicidade dos TUPIS, concluir pela unidade das origens do homem, está, a meu ver, alem da imparcialidade e do criterio scientifico.

«Muitas pessoas que teem observado os Botocudos»—diz Abel Hovelacque—«os têm comparado aos povos que se collocam em a supposta raça mongolica, aos Chinezes, por exemplo. E' que, com effeito, chama a attenção, entre os Botocudos, a conformação bastante accentuada do angulo externo do olho. Sem duvida, por tal particularidade, se parecem com grande numero de povos asiaticos e mormente com os Esquimaos do extremo norte da America ; é bem evidente, no entanto, que esta só particularidade não basta, afim de se os apparentar scientificamente ás raças acima apontadas. Até hoje, a despeito das approximações de toda especie que se tem procurado estabelecer entre os Americanos e os Asiaticos, a prudencia manda que não se considere os Americanos senão como simples e puramente Americanos. » (23)

(23) Abel Hovelacque — *Auroras da Humanidade*, 1881.

Eis como, a respeito, pensava o Dr. Lund,— eminentemente sabio que, por longos annos, se dedicou ao estudo do selvagem brasileiro :

«O fundamento principal, sobre que é baseada a opinião geralmente adoptada da origem gerontogea dos povos da America, consiste na bem pronunciada semelhança que se observa entre a raça Americana e a raça Mongolica. Consideradas debaixo do ponto de vista craneologico, que sempre deve merecer a primeira consideração, as raças humanas apresentam trez formas principaes dos crancos, as quaes o primeiro anthropologo dos nossos tempos, o celebre Prichard, tem designado com as denominações appropriadas de forma oval, forma prognata, e forma pyramidal. A primeira comprehende a raça Caucasic, a segunda a Ethiopica, e a terceira as raças Mongolica e Americana. Os caracteres mais essenciaes por onde esta ultima se distingue daquellea, são a maior estreiteza e baixeza da testa, e a maior proeminencia dos ossos faciaes. Ora, estes caracteres sendo outras tantas approximações para o typo animal, deve a raça Americana ocupar o logar inferior na escala, comparativamente á raça Mongolica. Admittindo-se agora a hypothese de uma origem commun para estas duas raças, sendo a raça Mongolica a raça primitiva, deve-se forçosamente considerar a raça Americana como uma degeneração daquellea. Segundo esta hypothese devia-se suppôr que, quanto mais retrocedessemos aos tempos passados, tanto mais se approximariam estas duas raças uma a outra nos seus caracteres physicos. Ora, os factos que tenho referido acima mostram pelo contrario que a raça Americana, por um espaço de approximativamente 3.000 annos, (A) não tem mudado no seu typo geral, ou se é que tem mudado, é para se afastar ainda mais da raça Mongolica, nos tempos primordiales da sua existencia. Para os que querem insistir na commun origem destas duas raças, não fica pois outro expediente, senão inverter a ordem chronologica até aqui admittida, o que viria certamente a ser mais em conformidade com a marcha ordinaria da natureza, procedendo do imperfeito para o perfeito. Sem duvida que uma tal suposição repugnaria á grande massa de anthropologos, acostumados a ligar a idea de modernidade a tudo que concerne a este continente ; porem, esta idea, filha de considerações historicas, tem sido individualmente estendida ao fôro das sciencias physicas. Dr. Lund, — *Revista do Instituto Historico*, t. 6º.

(A) «Somente a chronologia do Dr. Lund» — contesta, com razão, o Dr. Lacerda, em seo artigo: *O Crancos da Lagoa-sancta*, — «não nos parece estar de acordo com os actuaes conhecimentos geologicos. Trez mil annos é apenas a vida das pyramides...» Dr. Lacerda, — *Revista da Exposição Anthropologica*, 1882.

Na verdade, o distincto e criterioso sabio, — então victima, talvez, do erro das tradições religiosas dos Hebreos, que dão ao mundo apenas 6.000 annos de existencia, — calculou em 3.000, um espaço de tempo que, no minimo, deve ter 230.000 annos. (Mortillet.)

E' bem de ver, o illustre anthropologista refere-se aos Boto-cudos contemporaneos, que não podem conservar o typo genuinamente autochtone do primitivo habitante das cercanias do Sumidouro.

Em seos estudos de linguistica, A. Hovelacque chega a identicas conclusões,—ante a irredictibilidade das lingoas:

«A idea commun, a idea capital que obseda a maior parte dos americanistas é a de filiar os idiomas do novo mundo a tal ou tal grupo das lingoas agglutinantes do mundo antigo, quasi sempre ás lingoas uralo-altaicas, algumas vezes ao basco, outras ao japonez, e ás demais lingoas agglutinantes. Isto não é serio...

«... A extrema diversidade das lingoas e seos processos prova que foram ellas creadas independentemente umas das outras, e, provavelmente, em epochas muito diversas...

«... Sendo a lingoagem producto da natureza, a função de novo orgam, é evidente que douis systemas linguisticos irredutiveis entre si indicam douis orgãos productores differentes...

«... Quanto mais retrocedemos no curso das edades, mais familias lingoisticas independentes encontramos.» (24)

As conclusões a que chega A. Hovelacque são mais um argumento a favor da these dos polygenistas.

A eschola dos Estados Unidos do Norte, iniciada por Samuel George Morton, conclue tambem pela existencia do autochtone americano. Nott e Gliddon,—diz Sylvio Romero,—assim establecem as conclusões dessa eschola :

«1.^a—O continente americano foi desconhecido pelos antigos egypcios, pelos chinezes, pelos gregos, hebreos e romanos;

«2.^a—Por occasião do descobrimento, este continente era povoado por milhões de homens que se pareciam e mostravam traços caracteristicos, moraes e physicos, inteiramente especiaes, e em perfeito contraste com os habitantes do velho-mundo ;

«3.^a—Taes raças estavam cercadas por toda a parte de animaes e plantas especificadamente distintas dos do velho mundo, e originadas indubitavelmente na America ;

«4.^a—Estas raças falavam muitas centenas de lingoas, que, approximando-se na estructura grammatical, distanciavam-se nos vocabularios, e eram radicalmente distintas dos idiomas do velho mundo ;

«5.^a—Seos monumentos, como se vê pela architectura, esculptura, ceramica, bancos de conchas, testemunham uma avan-

(24) Abel Hovelacque, — *A Lingoistica*, 1887.

çadissima antiguidade por sua extensão, disseminação e numero incalculavel ;

«6.^a—O estado de decomposição dos esqueletos dos *tumuli*, e, determinadamente, a estructura anatomica particular do pequeno numero de craneos restantes, provam que os constructores destas obras eram não só antiquissimos, como autochtones : porque os craneos americanos antigos e modernos não se parecem com os de qualquer outra raça antiga ou moderna ;

«7.^a—Os indigenas americanos não possuam nem alphabeto, nem verdadeiro systema de escripta phonetica ; não possuam nemhum dos animaes domesticos, nem a mór parte das artes do hemispherio oriental ; suas plantas agricolas eram indigenas ;

«8.^a—Seo systema arithmeticico era unico em o genero ; seos conhecimentos astronomicos eram, sem a menor sombra de duvida, de origem cisatlantica, e seos calendarios não se pareciam com nemhum dos pertencentes aos povos antigos ou modernos do outro hemispherio.» (25)

Este opinar da eschola americana tem por si o testemunho dos factos.

Uma vez elucidada a existencia do autochtone americano,—e anteriormente delienadas, em a primeira parte deste capitulo, as hypotheses acerca da existencia, ou não existencia do homem terciario, e da pluralidade das origens do homem,—resta-me tratar do *Brazileiro autochtone*. Para fazel-o transcrevo os seguintes trechos do Dr. Lund,—o grande, modesto e esquecido sabio,—cujas investigações preciosas tanto contribuiram para o conhecimento mais ou menos exacto do primitivo habitante do Brazil :

«A grande planicie que comprehende a parte elevada do Brazil, desde a serra do Mar até as cordilheiras dos Andes, abrangendo as cabeceiras dos rios maiores do mundo, forma um terreno extenso cujo solo é formado de rochas pertencentes ao periodo chamado na Geologia «de transição», e depozitadas em regra em camadas horizontaes, sem que essas camadas sejam cobertas por outras, de formação mais recente. Não consta que haja em outra parte do mundo uma semelhante extensão de terreno que offereça estas condições geologicas, visto apparecerem em regra as rochas primitivas e de transição em camadas

(25) Sylvio Romero,—*Ethnographia Brazileira*, 1888.

consideravelmente inclinadas, provando assim terem sido levantadas depois da sua deposição por effeito de forças expulsivas obrantes de dentro. A epocha em que foram effectuados estes levantamentos é indicada pela relação que conservam as camadas levantadas para com as que as rodeiam e se encostam a ellas ; ora, segundo as observações do Sr. de Beaumont, o engenhoso auctor destas verificações chronologicas, as datas desses levantamentos só em mui poucos casos, e estes de pouca significancia, sobem até a epocha de transição. Onde as camadas das rochas primitivas e de transição ainda conservam a sua direcção originaria horizontal, são elles geralmente cobertas por outras mais recentes, das formações secundarias e terciarias ; e a unica excepção, que mereça particular consideração, é, como já notei, o grande *plateau* central do Brazil. A explicação deste phemoneno, que não tem ainda da parte dos geologos a attenção que merece, não pode causar difficuldade. A ausencia de depositos secundarios no referido *plateau* prova que já se achou elevado acima do nivel do mar numa epocha anterior ao tempo em que principiou a formação destes depositos submarinos, ou em outros termos, que já existia como um continente extenso a parte central do Brazil, quando as mais partes do mundo estavam ainda submergidas no seio do oceano universal, ou surgiam apenas como ilhas insignificantes, tocando assim ao Brazil o titulo de ser o mais antigo continente do nosso planeta. (26)

.... «... a povoação do Brazil deriva de tempos mui remotos, e indubitavelmente anteriores aos tempos historicos.

«A questão que se offerece naturalmente agora, é saber quem foram esses antiquissimos habitantes do Brazil ? de que raça eram ? qual era o seo modo de vida, a sua perfeição intellectual ?

Tendo achado varios craneos mais ou menos completos, pude determinaro logar que deviam occupar os individuos, a quem tinham pertencido, no systema anthropologico. Effectivamente a estreiteza da testa, a proeminencia dos ossos zygomaticos, o angulo facial, a forma da maxilla e da orbita, tudo assignala a estes craneos o logar entre os mais characteristicos da raça americana. E' sabido que a raça que mais se approxima da raça americana é a mongolica, e que um dos caracteres mais constantes e mais salientes, pelos quaes se distinguem entre si, é a maior depressão da testa, na primeira. Neste ponto da organisação os

(26) Dr. Lund,—*Revista do Instituto Historico*, t.º 6.º

craneos antigos mostram-se, não somente conformes com os da raça americana, mas alguns delles exhibem este caracter num grao excessivo, até o desapparecimento total da testa.

«Fica pois provado, em segundo logar—que os povos que em tempos remotissimos habitaram nesta parte do novo mundo, eram da mesma raça dos que no tempo da conquista occupavam o paiz. » (27)

Das conscienciosas observações de Lund vê-se que o Brazil foi o primeiro ponto do planeta em condições de habitabilidade, pois foi o primeiro a emergir do oceano. Acceita a opinião do illustre sabio, somos levados a acceitar tambem a existencia do autochtone brazileiro, e, consequentemente, do americano,— como affirma a eschola polygenista dos Estados Unidos do Norte, cujas conclusões, em alguns pontos, são as mesmas de Lund.

Para este distincto investigador, a raça Mongolica seria antes um producto do homem americano, que este daquella; as primitivas migrações se teriam dado deste continente para a Asia, e não ao envez, como geralmente se acredita.

E' interessante comparar a opinião de Lund com as tradições do Occultismo, (28) observando a affinidade de ideas a respeito.

Para o Occultismo, antes da civilização asiatica e europea, houve notavel civilisação americana. Só mais tarde a *Vaga da vida* refluio sobre a região asiatica, entrando os povos da America em decadencia.

Embora sem competencia para formular opinião, penso, com tudo, o seguinte :

O Homem surgiu em diferentes pontos do globo,—temos, portanto, o autochtone americano, e, como demonstrou Lund, nascido em o Brazil ;

O brazileiro autochtone estendeo-se por toda a America, em epocha longinquamente remota. Em alguns pontos, mais favoraveis, por certo, ao desenvolvimento das faculdades humanas, progredio ;—em outros, ficou estacionario. Nomade, em suas peregrinações arrojadas, passou, talvez, á Asia, onde se immiscuiu a tribus daquella região ;

A America foi invadida diversas vezes, em epochas afastadas longamente umas das outras ;

Os invasores, á proporção que se estabeleciam no continente,—apezar de hostilidades terriveis, cruzavam sempre com as tribus limitrophes ;

(27) Dr. Lund,—*Carta escripta da Lagôa Sancta, em 1842, e publicada no Tomo 4.º da Revista do Instituto Historico.*

(28) Ver: Papus,—*Sciencia Occulta.*

Algumas tribus americanas conservaram o typo, os caracteres primitivos ;

Na America se deve encontrar tribus na infancia umas, outras em decadencia ;

Até onde hei chegado, em meos modestos estudos, apenas me é dado avançar essas proposições que ahi ficam. Ainda nada posso dizer das civilizações do Perú e do Mexico.

A difficultade, em estudos desta ordem, é patente, mormente áquelles que só podem contar com os proprios recursos.

Concluindo o presente capitulo,—creio, posso affirmar, tem o Brazil um elemento autochtone,—altamente fetichista,—reaccionario, portanto, e que deve ser aproveitado em a civilização do Paiz.

Todo homem tem o instincto da liberdade ; o homem primitivo mais que nemhum. As raças autochtones levam, até o sacrificio da propria vida, a lucta em defeza do solo de onde tiram os recursos de subsistencia. E' que, sem liberdade, não ha autonomia ; sem patria, não ha lar ; e, sem patria e sem lar, não ha progresso.

Dahi, quiçá, o instincto da liberdade humana.

Agosto—1896.

DARIO VELLOZO



EXOTISMO

POR

Dario Vellozo, Silveira Netto, Julio Pernetta e Antonio Braga.

I

O relogio, na sala, batia o *tic-tac* sonoro, prolongado, por aquella noite fria e triste, fazendo resoar as pancadas, como supplicas de uma grande alma gemedora e afflita !

Leonidas, o olhar perdido no ceo, escutava o velho relogio, seo velho companheiro ; e cada pancada soava-lhe na alma como vinda de logar muito longe e que só elle conhecesse !

Pela janella cantava lugubremente um vento de neve, do hiverno que se approximava ; e o coração de Leonidas tinha algo de semelhante a toda aquella tristeza.

Amanhecera amando loucamente a filha de uma baroneza ; e, como amasse uma rainha, d'ahi por certo todo seo despedimento !

Elle a vira uma vez no *Passeio Publico* voando, como uma borboleta travessa, pelo braço de um desconhecido ; e o seo amor secreto e terrivel gritou-lhe dentro da alma como numa revolta de ciumes, porque ella já lhe pertencia, porque seo coração era della, embora nem o conhecesse. Teve desejos de saltar ao pescoço daquella «besta» e fazel-a roçar a bocca pelo chão, cheio de pó... Mas, suffocado por tanta dor, tyrannisado, bem a seo pesar, achando-se ridiculo, voltou para casa ; e, na escada, por aquella escada sem fim, soaram-lhe os passos, como num subterraneo. Dolorosa recordação aquella !

E o seo olhar perdia-se no ceo, e no meio daquella escuridão profunda, parecia buscar alguem que lhe falava ; mas, via unicamente a sua amada, com esse homem, pizando-lhe com ironia o coração, e, por entre as nuvens, abrindo alas e desaparecendo, via-os surgir de novo ; e o seo desespero crescia, e um amortecimento, de vez em quando, cobria-lhe toda a vida.

Tremia á idea de amar uma mulher, reconhecendo se indigno. Sentio baterem á porta, mandou que entrassem : era o dono da casa em que morava.

— «Senhor, hoje completam cinco mezes... e os negocios andam maos, precizo de dinheiro.»

Leonidas não respondeo.

— «Hoje completam cinco, senhor!» repetio com mais força.

— «Volte amanhã» disse Leonidas, como quem nada comprehendia de tudo aquillo.

A chuva começou de cahir em aguaceiros impetuoso, loucamente, batendo-se por todas as paredes, em todas as casas batendo palmas, quebrando janellas, como um louco bebado que pedisse uma pousada em toda aquella natureza tão grande e tão triste.

Viver, que abhorrecimento! Que abhorrecimento não viver, quando se ama!

Leonidas tinha melancolias terriveis, tinha dores profundas dentro da alma.

Sentia-se quasi louco; ás vezes cahia num entorpecimento funebre e se ficava numa tristeza de paixão terrivel; ás vezes, batia fortemente com os cotovellos na mesa, arrancava o cabello e odiava.

A chuva ia cahindo agora mais miuda, mais fina, como velho luctador cançado do combate; bem como o seo coração que se achava cheio de dissabores, envelhecido pelo amor.

Sentio passar-lhe na alma como que um sopro gelido. Accendeo o cachimbo, um cachimbo antigo que fòra de um amigo seo. Este amigo voltava-lhe á memoria: chamava-se André. Era um bello rapaz, cheio de contentamento pela vida, tendo sempre um sorriso que combinava muito bem com os seos lindos cabellos. Lembrou-se mesmo de uma phrase com que uma vizinha o tinha baptisado: «moço risenho de cabellos louros»; e a lembrança disso pungia-lhe como se um ferro frio lhe atravessasse o coração magoado.

Fumou muito; e o seo olhar, por aquelle manto escuro de fumaça se perdia, inconsciente, esquecido. Alfim, encontrou o que quer que fosse numa das paredes: Era a folhinha do anno; estava no mez de Agosto; marcava vinte e um. Fitou-a longamente. Aquelles douis algarismos cresciam, cresciam mais, semelhando os vultos que acabava de ver nas nuvens. Levantou-se, então, pegou na folhinha, e a rasgou e a mordeo, trincando-a dolorosamente nos dentes, como quem mata a sua amada,apanhada em flagrante.

E caminhava, lado a lado da sala, como quem anda lado a lado do abysmo de uma vida perigosa.

Fora, por muito tempo ainda, a chuva bateo, muito de leve,

nos vidros da janella, fazendo crer que, ás vezes, a natureza se condoe do soffrimento humano e compartilha, tambem, das suas grandes tristezas e melancholias !...

(JULIO PERNETTA)

II

Onzehor as.

O antigo relogio interrompera o moroso tic-tac para tinnir pausadamente onze horas.

O moço apaixonado se apercebera, então, do tempo decorrido n'aquella scisma inutil e fatigante ; o meio silencio, e o meio ruido que formam a voz da noite a horas tardas, impregnava a sala de um todo sinistro como se o papel das velhas paredes se tivesse mudado em funebres escumilhas de catafalco.

Elle fumara todo esse tempo, e, mais de uma vez, sentara-se á escrevaninha, levantando-se nervoso e distrahido ; e o nome d'aquella mulher apparecia em toda a parte, em cada objecto da sala, como a terrivel palavra da sentença de Ashaverus.

A fadiga venceo-o e a manhan do outro dia veio encontral-o no leito, pallido e taciturno.

Dubia claridade, cheia de tedio, assinalava o aspecto do dia ; o ceo, carregado de espessas nuvens pardas, pezava até a medulla dos ossos de quem quer que tivesse alguma hora de pranto a se recordar.

Todo o peso do dia desmaiado ciliciava-lhe o espirito despidosamente.

Melhor fôra não terem aberto as janellas da sala tão cedo, pensava elle, pois o tedio da manhan chuvosa invadiria abrupto a sua alcova, cuja porta, ha douis dias, não se fechava, como primeiro indicio do exilio moral que entontecia o desditoso Leonidas. Um incidente rapido e inesperado veio despertal-o da idea fixa a que se tinha entregue : a sua cartola, que ficara sobre a escrevaninha, havia rolado desastradamente, aos boléos, até a porta da alcova e, quando Leonidas a olhou, estupefacto, pois a sala estava deserta, vio ainda o bello gato branco de casa saltando para fora do seo chapéo alto ; o instincto de conservação tocou a rebate ao mesmo tempo que lhe vinha á lembrança o baile que o club realizava n'esse dia, em homenagem a um cidadão illustre.

Saltou da cama, levantou a cartola, limpou-a e vestio-se, prompto a começar os trabalhos quotidianos, embora a imagem da mulher querida enchesse todo o espaço que o rodeava, como um abraço enorme que se estendia para elle... mas, no infinito.

Ao almoço Leonidas determinou ir ao baile ; naturalmente ella iria tambem ; e a incerteza de obter, ao menos, um olhar amavel daquella que o dominava tão fortemente, fazia-o discutir com seos botões a sinceridade de um coração de virgem como era o d'ella, e tinha desejos de virar o rosto a seos olhares, se acaso ella o olhasse ; mas, assaltava-lhe antecipadamente o importuno remorso por tal indelicadeza ; ella soffreria, por certo, pois, se o olhasse, é que lhe votava sympathias ; e Leonidas, com prejuizo da digestão, meditava nestas futilidades, absorto, quasi tremulo. Se tivesse a perspicacia de uma mulher, veria logo que, se lhe voltasse o rosto, a offenderia, talvez, na vaidade unicamente.

Trez pancadas leves soaram na porta do corredor.

Foi ver apressadamente quem batia, pois a vinda de Maximo Ferreira era a incognita da sua resolução a respeito do baile ; foi abrir apressadamente, já com uma cortezia em meio ; não era mais a figura de Maximo que elle presentia do outro lado da porta, era a imagem viva de Hortencia, bella e compassiva como elle a tinha, espiritualisada, na mente ; porque Maximo falaria em seo nome, e esse nome era o osso de Cuvier reconstruindo a pessoa inteira.

Abrio febril a porta :

—«Para o sr. Leonidas Fontes,» disse-lhe um rapaz boçal, entregando-lhe uma carta.

—«Amanhan !» rugio, furioso, Leonidas, sacudindo a folha da porta que se fechou com estrepito.

Era a conta do senhorio que novamente lhe abalara o castello.

—«Irra ! que impertinencia ! entretanto eu nunca faltei com os meos deveres de inquilino.»

—«Apoiado !» bradou Maximo que abrira a porta e entrava, fazendo valer a sadia jovialidade que o caracterizava.

—«Bom dia. Ella vae ?» interrogou Leonidas visivelmente agitado.

—«Onde ?» perguntou sorrindo Maximo, pondo-se a cortar a ponta de um charuto.

—«Ao baile... hom'essa !»

—«Ao baile... quando ?»

—«Hoje, Maximo, hoje...»

—«Ah ! o baile é hoje ?»

—«Palavra.»

—«E de quem falas, finalmente ?»

—«Da Hortencia.»

— «Da Hortencia, pois pegou mesmo?»

— «Ora... estou doudo... Ella vae, ou não vae Maximo?»

— «Espera, dá-me o phosphoro.»

— «Que charuto humido e que phosphoro ordinario!» bradou Leonidas, consultando o relogio.

— «A Hortencia vae infallivelmente, seo Romeo; e, pela minha parte, vou tratar de pôr o sapateiro em pressas com a meia sola que mandei arrumar naquelle bezerro.»

— «Algum bezerro idolo?» perguntou Leonidas, procurando gracejar.

— «Não; este só pode ser nicho e nicho de um idolo n. 41, disse Maximo, estendendo o pé; é quasi o abysmo com que o Anthero do Quental pretendia encher o outro abysmo.»

— «Mas...»

— «Até logo; a pressa agora é minha, seo Leonidas; não por causa da Hortencia, mas pelas botinas.»

— «Vamos juntos.»

De novo a porta se abrio e se fechou; e o par de amigos seguiu apressadamente rua fóra.

Por maior diligencia que fizesse, Leonidas só chegou ao Club ás dez horas da noite.

A barba, o cabello, a casaca, o friso do collete, as botinas de pellica, tudo lhe levara muito tempo.

Os salões atulhados de gente animada e folgazan; era um extraordinario formigueiro de casacas e vestidos de seda; bellos decotes tentadores desvairavam muita cabeça amante da plastica.

A banda marcial insufflava poderosa vida naquellas almas todas que, por uma noite, abandonavam a rispidez da existencia material.

Dançava-se continuamente; e Leonidas, infatigavel e attento, não perdia occasião de espreitar os recantos daquelle enorme theatro de banalidades, em busca da formosa filha da baroneza.

Impossivel! Quanto sujeito encolarinhado e pernóstico alli havia, palestrava e dançava com Hortencia. Impossivel!

Onze e meia, e o tormento da noite antecedente assaltava Leonidas, como um trasgo maldicto.

— «Onze e meia, e ainda não me foi possivel trocar com ella um olhar eloquente,» pensava o moço namorado.

A' meia noite cessara, por instantes, a dança; os homens deixavam o salão para ir ao encontro do champagne e da cerve-

ja, em quanto dourada bandeja relecta de calices de crystal, contendo um licor brilhante, vinha ao encontro das senhoras.

Leonidas fez abstracção do champagne, esperando o momento propicio de dirigir-se á mulher que era a alma de sua vida.

Difficuldades, sempre difficuldades !

Maximo appareceo :

—«Vem cá, meo amigo, quero apresentar-te á filha da baroneza.»

—«A' saude de que ?» perguntou Leonidas, tremulo e descorado.

—«Deixa isso por minha conta, é uma causa que arranjei para ti ; vem !»

Seguiram, rompendo a onda de surprehendentes imagens da Belleza que, numa soberba eclosão de còres e bordados, apresentavam, em lubrica apotheose, palpitantes collos de alabastro.

Com delicada curvatura de homem de salão, Maximo começo :

—«Apresento a V. Ex.^a o distinctissimo folhetinista Leonidas Fontes, que tão desopilantes horas de prazer tem dado á intellectualidade de V. Ex.^a e do Exm. Barão.»

A bella herdeira, com seo porte magestoso de mulher bonita e rica, estendeo a mão enluvada ao distinctissimo folhetinista ; e este, já desnorteado por tanta felicidade junta, rendeo-se áquella victoria de carnes e de esthetic, imperando gloriosamente na virgem das suas meditações. E uma curvatura traduzia a satisfação incomparavel em que nadava aquella alma dourada, quando a dourada bandeja, de calices de crystal, que nessa occasião passava por traz de Leonidas, revirou-se n'um boléo hysterico, e mconsequencia da nervosa curvatura do moço apaixonado.

O inferno inteiro escancarou as guelas de fogo ao redor de Leonidas : uma imprecação unisona de colera feminina.

Os calices, tilintando, haviam borrifado mais de um vestido deseda.

(SILVEIRA NETTO)

III

Hortencia corou e rio delicadamente. Leonidas fitou-a ; agradecia com os olhos aquelle sorriso encantador que desculpava seo modo demasiadamente cortez, que tão graves consequencias tivera. Quiz fugir como um corisco ; a situação desesperava-o ; como salvar-se airosamente do ridiculo em que ca-

hira ? Nem huma phrase de espirito, nem hum gesto, nem mesmo uma palavra lhe ocorria.

— «Senhor Leonidas, terei prazer em valsar comsigo,» disse Hortencia para arrancal-o da lamentavel confusão em que ficara.

Maximo, cofiando o bigodinho impertinente, afastou-se voltando maliciosamente os olhos para o par.

— «Este rapaz é ingenuo, é mais ainda, é tolo. Acho-lhe graca... rirei quando souber que gosta della... farei delle um mimoso creadinho de recados, e talvez o convide brevemente para ser meu paronympho.» Muitos pensamentos semelhantes, como mais tarde confessou, passaram revestidos de ironia, pela sua imaginação despresadora.

Como este, ha muitos individuos que confiam em si mesmos, certos de bom exito em seos emprehendimentos. Superficiaes, vaidosos, nullidades no fundo, despreoccupados de tudo, impellidos pela temeraria audacia que os caractiza, conseguem muitas vezes realizar o que dezejam. A fortuna, a felicidade parecem gostar destas criaturas. Maximo conhecia-se, e como elle proprio dissera, tinha confiança na belleza, nos dotes naturaes e na extrema actividade que possuia. Especulava com isto, esperando, sem escrupulos, que se lhe deparasse um casamento de pura conveniencia, como tantos fazem. Espirituoso e nescio, sentimental e perverso, tudo sacrificaria para seo bem estar, e nada, até então, havia contrariado seos designios, mesmo os mais extravagantes. Vio na filha da baroneza um poderoso elemento para eleval-o, dar-lhe nome e posição ; e era rica ; estava resolvido : Hortencia seria sua.

Entretanto, Leonidas, a quem não dava a honra de considerar como rival, valsára admiravelmente, e, com a invejavel franqueza das creanças, agora palestrava, alegre, feliz, a physionomia illuminada por intimo prazer. O coração torna os homens eloquentes, põe muzica nas phrases, vibratiliza os pensamentos ; põe em tudo uma sonata de caricias, de beijos que estremecem, um fremito de abraços delirantes, em ancioso desejo de isolar-se, de fugir do que lhe é estranho. Leonidas nada mais via nem ouvia que não fosse Hortencia. Se lhe fossem dizer que o Club desabava, ficaria assustado, e vel-o-hiam esfregar os olhos como quem acorda. E' assim o amor, é uma loucura de sonhos que electrizam : arrebata e parece realizar o ideal intangivel da ventura ; gozal-o uma hora, um só momento,—é jamais esquecel-o ; e essa reminiscencia, como um traço de luz inextinguivel, perpetua-se até a morte.—Leonidas e Hortencia

fundiram as suas almas; podem separal-as, que sempre hão de attrahir-se, poderia affirmar quem observasse a doce intimidade com que tagarelavam, tão distrahidos, parando ás vezes interdictos, sem acôrdo, por entre outros pares que passeavam.

— « Que dirá aquelle imbecil! » disse Maximo, um pouco admirado.

— « Hein? » tartamudeou um typo que suava dentro da casaca.

— « Nada ! ... não foi comsigo. »

— « Sim , não demora. »

— « O que ? Que historia é essa ? ! »

— « Já não é sem tempo ; são duas horas. »

— « Senhor !!... »

— « Vamos ver, deve estar prompto, » continuou amavelmente o interlocutor de Maximo.

Era um surdo obcecado com a idea fixa do chá.

(ANTONIO BRAGA)

IV

E' hostia não maculada o coração do bohemio. Leonidas jamais experimentara as lacinantes puas do Desejo e da Duvida rasgando, numa violencia de cyclone, os frageis casulos oscillantes das candidas ingenuidades primitivas. O Amor fôra-lhe uma revelação da Vida e da Tortura : começou de comprehender o vacuo das aspirações irrealizaveis, o impossivel da Ventura humana. Em quanto o vampyro da ambição que infelicta não lhe perpassou nas noites de despreoccupado do Espirito e da Carne,tatalando as azas sombrias, a existencia foi-lhe indiferente, e, como tal,placida e serena,na inconsciencia deliciosa das atribulações dos algemados da Sorte. Apenas uma affeiçao tivera,por talentoso bohemio seo collega e companheiro de casa. Havia entre ambos maravilhosa affinidade de ideas e sentires : mesma intuição da vida,mesmo desprehendimento das preoccupações sociaes ; completavam-se,miscibilizavam-se, fundiam-se em unica e mesma creatura. O André era, como elle, um bohemio dos corações, despercebido das artimanhas felinas do galanteio e da graça. Por fim, a Fatalidade o accordou para o Amor, e o misero bohemio,—ingenuo como creança ingenua,—cavou com as proprias mãos a sepultura ; e lá se foi repouzar tranquillamente no algido thalamo mysterioso do Supremo Abandono e do Supremo Conforto.

Leonidas pensava tudo isso, sentia tudo isso, numa inconsciente evocação involuntaria, numa soturna peregrinação ao passado,—vivido agora, cabbalisticamente, ao fogo lento das

reminiscencias dessudarisadoras. Comprehendia alſim o abatimento todo daquella alma tão nobre, e o nobre sacrificio daquelle bohemio tão simples, ao ver morta a sua primeira esperança,—a sua unica esperança,—apunhalada pela dextra homicida de despreso injusto, de injustiça obtusa e sarcastica. O Amor dava-lhe aos nervos a vibratilidade precisa e a precisa magoa para comprehendender o soffrimento pertinaz, a desalentada tortura que lhe arrastara o amigo para a eclosão secreta do Alem...

—«Bravos !... *D. Quichotte* chorando lagrimas de crocodillo ao esteril rememorar de uma *Dulcinea* dos salões... Aposto, não temos amanhan folhetim no *Correio da Tarde...* » E, mal escondendo o despeito que lhe ia na alma, Maximo proseguiu:

—«Uma victoria brilhante a de hontem, Leonidas; parbens !... A incauta *corvina* mordeo fortemente a isca... »

—«Bofé ! que te não entendo... Chamas *corvina* á pobre moça para com a qual te mostraste amavel e attencioso, ainda não ha vinte e quatro horas. »

—«E' que para mim, todas as mulheres são *corvinas...* »

—«Porque ? »

—«Porque, em lugar de miolos, teem uma pedra na cabeça... »

Leonidas fitou o camarada... Quem sabe !.... Maximo... Mas, não era possivel Maximo tinha o dever de falar-lhe sempre com toda franqueza.

—«Em que pensas, poeta ?»

—«Em que hei de pensar, Maximo ?... Não comprehendo ainda como o estuar desta violenta paixão abrio entre mim e o passado todo um abysmo insondavel, apenas ligado ao presente pelo fio imponderavel das recordações imperecíveis... Sei que amo ; e este amor deo-me da vida novo aspecto... O bohemio que conheceste, sinto, morreo em mim... »

—«Estás romantico... »

—«Estou triste... E, só hoje, comprehendo a angustia que minou a existencia de André ; só hoje comecei de sentir profundamente a eterna ausencia daquelle irmão querido. »

—«Não o conheci, Leonidas. »

—«Queres saber-lhe a historia ? »

—«Conta-ma. » E Maximo assentou-se junto ao camarada, accendendo um charuto. Leonidas tomou de cima da mesa o cachimbo de gesso, abarrotou-o de fumo...

—«Ouve. Quando meu pae me acompanhou até aqui, á Capital, e mobilou esta casa com o luxo e o confortavel a que esta-

vamos habituados na fazenda,—senti-me isolado de tudo e de todos. André cursava tambem o Gymnasio. Era pobre e só. Convidei-o para meu companheiro. Disso não me arrependi nunca. Viviamos perfeitamente. Entendiamo-nos ás mil maravilhas. Estudavamos com afinco. O primeiro anno do curso foi um successo para ambos. Meu pae, satisfeitissimo, dobrara a mezada. Não fui passar as ferias com a familia. Tínhamos criado uma revista litteraria; essa revista foi uma tentação e uma fatalidade: dei para vadio. Não mais tinha paciencia para estudar. André censurava-me o procedimento. Meu pae soube, reprehendeo-me; nada houve que me fizesse retroceder sequer um passo. A vadiação é paraizo. Mais um anno. André comprehendeo, a mizeria ia invadir-nos o lar; meu pae retirara a mezada; a mor parte dos moveis tinha *voados*... André quiz retirar-se; não consenti. O pobre rapaz abandonou, então, os estudos, e se foi, como aprendiz, para uma officina de escultura. Entrei para o *Correio da Tarde*. O salario dava-nos de sobra... Não tínhamos ambições; e, quando nada se ambiciona, a felicidade não é um mytho... Foi essa a melhor phase de nossa existencia... A Fatalidade, porém, levou André ao Amor; comprehendi que o meu amigo soffria; soffria e definhava. Uma noite, em que palestravamos, como sempre, assentados junto á janella.

—«Sabes,»—disse-me,—«vou morrer.»

Tentei gracejar.

—«E' verdade, Leonidas; vou morrer... Aqui te deixo o meu legado: Este cachimbo que eu mesmo esculturei, e do qual a effigie reprezenta o semblante da mulher que me apunhalou.»

No dia seguinte André estava morto.»

E, passando o cachimbo a Maximo:

—«Eis o cachimbo de André.»

Maximo tomou-o nas mãos, fitou-o... fitou-o demoradamente, longamente...

—«Mas... E' a filha da Baroneza.»

Sim; era a filha da Baroneza.

Leonidas jamais percebera que physionomia guardava aquella escultura... Ella! sempre ella! como lugubre ephialta de fatalidade satanica, rasgando mais e mais fundo em sua alma atribulada as gemerosas fibras rubras do septicordium da Angustia.

Começaram de ranger os degraos da escadaria vetusta.

—«Alguem que se approxima,» murmurou Leonidas.
Bateram á porta.

— «Pode entrar. »

— «Quer comprar cestas? »

Era um chim vendilhão, trajando bizarramente, sorrindo melancholias escoadas pelas extremidades dos olhos rasgados, — olhos de amendoa, — de pupilas negras.

Leonidas sacudio os hombros.

— «Benvindo sejas, formosa estrella do celeste imperio... Vens a propósito... Tuas mercadorias nada valem; mas podes prestar grande serviço. »

O chim olhou-o, interrogativamente.

— «Sabes onde fica a rua das Mumias? »

— «Sei; » respondeo o chim.

— «Conheces o palacete do Barão? »

— «Conheço. »

— «Nunca entraste lá? »

— «Nunca. »

— «Uma vez é a primeira. Dou-te cinco mil reis para entregaras á filha da Baroneza um bilhete que vou escrever. »

— «Escreve. »

— «Não faças tal, Maximo; » replicou Leonidas, «vaes cometer uma loucura. »

— «Deixa em paz a Moral,—meo charo poeta; —vou começar de pôr em execução um *plano* que a alguns minutos acaricio. »

O chim esperava, paciente.

— «Aqui tens, bilhete e dinheiro. O bilhete entrega á filha da Baroneza ; o cobre guada-o. »

O chim retirou-se.

— «Que sorte esplendida! »

— «Que loucura, Maximo! »

— «Adivinhaste? »

— «Não; mas, seja o que fôr, é sempre uma loucura. »

— «Estás moralista. »

— «Estou sincero, como sempre. »

—

— «Cestas! ... cestas! ... » e o chim, trajando bizarramente, sorrindo melancholias, — lá se ia, rua fóra, num passo de *mazurka*, offerecendo aos transeuntes e inquilinos os curiosos artefactos de sua industria.

O sol causticava.

Gelozias cerradas, o palacete do Barão tinha o aspecto amodorrado de uma egreja protestante.

—«Cêstas!... cêstas!...» E o chim, lá se ia, subindo a escadaria de marmore branco. Hortencia ouvira e correra ao patamar.

O acaso protegia o chim.

—«Cêstas!... cêstas!...» E levantando os olhos,—olhos de amendoa,—de pupillas negras,—sentio offuscar-lhe a retina a fulva centelha de um deslumbramento inexpressivel. Hortencia apparecia-lhe como a corporificação jamais sonhada de uma beldade inconcebivel,—na opulencia extraordinaria de sua formosura. O malaventurado cahio de joelhos, arrebatado no torvelino de uma recordação longinqua, extatico, emmoldurando mentalmente a moça numa ensenação caprichosa de payzagem chineza onde chorava a triste nostalgia da patria, ao niveo luar merencorio de inerte Crescente invisivel...

Estendendo os braços, em supplica, o misero entregou a carta de Maximo,—o coração confrangido violentamente, a alma allucinada por uma idea de sacrilegio e de crime...

—«Senhora!... Senhora!... a carta é minha.»

E tombou pezadamente, beijando a fimbria do vestido de Hortencia.

(DARIO VELLOZO)

V

Hortencia, ao receber a carta e ouvir a confissão do chim, deixou irromper dos labios tremulos de assombro um grito hysterico de vaidade amarrotada, de dolorosa surpresa.

O Barão que, na *toilette*, começará de pretejar as barbas com nankim, correra para o logar d'onde partira o grito :

—«O que é?... o que foi?...»

Hortencia, a physionomia alvorocoçada, apontava o chim.

—«Cêstas!... cêstas!... senhor.» E lá se foi, escadas a baixo, o peito estuando num cançao de pesadelo, annunciando, offerecendo :

—«Cêstas!... cêstas!...»

Hortencia, recolhida no sanctuario da sua alcova de virgem, só, muito só, começou de desenrolar o bilhete, amarfanhado nas mãos nervosas de susto.

A principio, lendo-o, ria, sem nada comprehendender ; um bilhete, Maximo escrever-lhe um bilhete cheio de palavras fofas!... um bilhete cheio de infantilidades amorosas!

Devovel-o-hia, sim ; devovel-o-hia. Com o espirito ainda nevrotisado sentia as sensações de uma estranha raiva, não

podia admittir as grotescas expansibilidades amorosas de Maximo. Estava exigente !

Foi ao espelho, endireitar o penteado. Achou-se pallida, tinha o rosto emmoldurado de tristeza. Sorrio. A tristeza é a primavera da alma. Lembrou-se ter lido essa verdade em um poeta.

E o chim ?... porque seria que o chim, lhe cahio aos pés, como um mendigo, supplice de affeições ? porque seria ? Teve piedade, sentio o coração confranger-se-lhe na dor suprema do arrependimento :

— « Devia ter ouvido a sua confissão ; pois, que tinha ? Uma princeza já não se havia apaixonado por um vagabundo ? »

— « Cêstas !... Cêstas !... » Era o chim que passava, procurando vêr, atravez das gelozias cerradas do palacete do Barão, o perfil amado de Hortencia.

Maximo pouco se demorára em casa de Leonidas ; tinha compromissos serios ; á tarde voltaria para saber o resultado do bilhete ; havia de ter sido bem sucedido.

— « Hortencia, te ama muito. Dizem-no os seos olhares ; a insistencia com que se occupa de ti é a manifestação eloquente de uma paixonite aguda. »

Leonidas rio, comprehendendo o alcance daquellas palavras eivadas de sarcasmo e de ironia.

— « Pois, tu, Maximo, crês no amor ? E's tão ingenuo que supponhas sinceros os caprichos diabolicos da mulher ; crês no amor ? crês no amor, Maximo ? Sabes o que é o amor ? Não, meo amigo, o amor não existe, o amor é uma utopia ! »

— « Caspité, bem diz o adagio : *quanto mais se vive mais se aprende*. Fiquei conhecendo, mais essa excentricidade tua. Es de um pessimismo a toda prova. Pois tu, Leonidas, não crês no amor ? no amor que purifica as almas, e regenera a humanidade ? Duvidas da sinceridade de Hortencia ? Julgas que ella não seja capaz de um sacrificio, para justificar o seo amor ?

— « Perfeitamente, Maximo ; e o que é essa justificação, senão um sacrificio da vaidade ? uma ostentação torpe de convencional sentimentalismo ? Não, meo velho ; o amor só existe no coração das mães e das esposas. »

— « Hoje estás impossivel ; bem, á tarde voltarei ; pode ser que a resposta de Hortencia ; te faça mudar de opinião. A's vezes... uma palavra regenera uma alma !... »

VI

- «Pallida. »
 — «Anemica. »
 — «Noto isso ha dous dias já » disse o Barão.
 — «Ha mais de dous que ella anda assim,» respondeo a Baroneza, «quieta... e parece que triste. Olha, levantou-se já. »
 — «Tão cedo! »
 — «Ha dias, se levanta cedo. »
 — «Quer naturalmente aproveitar as manhans de sol. »
 — «Não, ella nunca se lembrou de aproveitar manhans de sol. »
 — «Podia lembrar-se agora. »
 — «Não; é que não pode dormir. »
 — «Levantar cedo é hygienico, » disse o barão pensativo.
 — «O não dormir faz perder a còr, » disse a Baroneza a olhar muito, com o olhar cheio de alma e de tristeza, para o quarto da filha.

— «Bom dia papae, bom dia mamãe. »

Chegava Hortencia, fingindo alegria, muito bella, vestido roxo e simples, deixando castamente adivinhar um corpo de formas correctas.

Cumprimentou os paes, que a olhavam sempre, e passou; fôra ao jardim. O Barão sahira e a Baroneza, tremula de sofrimento, encaminhou-se para a janella de onde se via o artístico jardim do palacete, como extraordinaria paleta, numa variegada profusão de flores alegres.

Hortencia, a linda encarnação da alma daquella casa, meditava, olhando vagamente para o ceo ou para as flores, mudando vagarosos passos cadenciados pelas elegantes alemedas, forradas de areia branca, onde seos pés nervosos calcavam um signal de botina *mignon*.

— «E' exquisito, » palestrava ella a sós, «porém é verdade... »

Estacara, ativando os olhos; um rumor qualquer de fala a tinha suprehendido; era o jardineiro, de calça de mescla e fortes sapatos de couro grosso, recostado ao muro do fundo, em cujo dorso apoiara commodamente os dous braços dobrados, enquanto do outro lado a morena filha da lavadeira Maria, ateava-lhe a palestra, rindo a qualquer dito delle, mesmo quando o atalaia das rosas falava serio.

Hortencia mais uma vez reparou n'esse idyllo rustico e saudio dos dous filhos do trabalho: o jardineiro, um sujeito franzino, embora de musculatura amestrada; a sua tez clara, concertando com traços phisonomicos meio delicados, tornava-o

mais sympathico, mais bonito mesmo que a Mariazinha da lavadeira ; a Mariazinha não era uma belleza, nem mediocre, para Hortencia ; gorda, fortes espaduas... Hortencia não podia notar a selvagem attracção daquella còr morena que o jardineiro tanto comprehendia ; e a moça meditava ; sempre julgara que o homem só poderia amar uma mulher de apparencia mais fraca que a d'elle, porque ella, Hortencia, apreciava mais os homens fortes ; lembra-se ainda do primeiro, e até pouco tempo, unico amor que a preocupava : era um rapazinho que transpirava saude, isto havia quantos annos, ella teria então doze, talvez ; era um rapaz de hombros largos e de olhos meio inclinados, como o chim ; nunca se lhe apagara de todo da memoria aquella feição asiatica de seo collega de eschola.

— « E' exquisito, » disse, ao recordar a feição do collegial.

A's onze horas reunio-se a familia para o almoço ; entre o luxuoso aspecto da sala de jantar, aristocratizando o naturalissimo acto do almoço, pairava, então, mysteriosa quietude interrogadora, que somente a pallidez de Hortencia explicaria.

— « Cèstas !... cèstas !... »

Hortencia sentira o talher tremer-lhe nas pequeninas mãos de marmore vivo, e o sangue, affluindo-lhe ás faces, aurorizara-lhe o bello rosto virgem : baixou os olhos marejados, em quanto a mãe, sancta de carinhos, procurava saber o que affligira a filha, e o pae, pensativo, dava attenção á voz do chim que bradava continuamente : « Cèstas !... cèstas !... »

A filha do Barão levantara-se da mesa, buscando a alcova, mas com o olhar lacrimoso levado para fora, para a rua, onde o chim gritava : « Cèstas !... cèstas !... » como se supplicasse : « Amor !... amor !... »

— « E' mais que exquisito, » repetia Hortencia, « é exotico... » Habituará-se a vel-o passar todos os dias, desde o imprevisto momento em que o filho do celeste imperio cahira, deixando a alma suspensa do olhar.

Conversara uma vez com o chim, no patamar da escada, mas, evitou essas occasiões por sentir-se estranha sempre que o via. Prendia-lhe a attenção todo o semblante asiatico, isto é, todo o rosto parecido com aquelle rosto que a preocupara aos doze annos ; era para Hortencia um typo systematico de belleza masculina.

Amava o chim... que exotismo ironico... pensava a bella filha do Barão ; mas isso não era demencia, nem cousa de outro mundo ; estava ella como a formosa herdeira do SELVAGEM DE MARSELHA que se apaixonara pelo João Bôbo ; tambem DÉA,

a cega, não ignorava que Gwynplaine era um monstro pela deformação do rosto, que o fazia rir horrivelmente, entretanto amava-o muito.

Vinda de longe, pela rua afora, ainda se ouvia, amortecida e continua, a voz do chim : —«Cêstas... cêstas...»

Sentados em commodo banco do jardim publico, Maximo e Leonidas, pernas cruzadas, cabeça descoberta, este fumando distrahido um charuto, aquelle a bater com o lenço toda a poeira que estacionava-lhe na calça, olhavam, a algum tempo, o balouçamento leve da burilada folhagem das casuarinas.

—«Nem resposta, nem cousa alguma,» disse Leonidas cortando o silencio.

—«Aquella mulher é maluca, homem,» respondeo Maximo, dando ás suas palavras calculado desprendimento e naturalidade.

— Não a tenho visto, como sempre, régia na sua belleza...»

—«Tens um começo de folhetim, ainda mais porque á fortuna da belleza ella reune a belleza da fortuna.»

—«Hontem, creio tel-a visto á janella ; mas retirando-se quando eu me approximava.»

—«Se foi por tua causa, meos parabens.»

—«Parabens, porque ?»

—«Porque isso mostra que ella não te é indiferente.»

—«Vamos andar,» disse Leonidas levantando-se n'um espreguiçamento de tedio.

—«Vamos á casa do Barão,» adiantou Maximo resoluto.

—«Eu posso lá aturar conversas de barão, agora.»

—«Attende, elle está no escriptorio ; porem nós podemos suppor o contrario, e vamos procura-lo para qualquer cousa.»

Seguiram ; ao entrar na rua do palacetedo Barão, encontraram o chim que dobrava uma esquina.

—«E' uma loucura ir vel-a.»

—«E' uma aventura apenas, senhor Leonidas.»

Chegados á rica morada, que se impunha á attenção pelo severo luxo que a nobilitava, galgaram a escadaria branca de polido marmore veiado, e bateram palmas ; cedeo o trinco em delicado sonido e a encantadora fidalgazinha assomou á porta, pallida e tremula, numa apotheose de belleza e de pasmo que desorientou os visitantes.

Nessa occasião, o chim, macilento, suspirava no patamar :

—«Quer comprar cêstas, senhora ?»

Condições de assignatura

O CENACULO é publicado mensalmente, em fasciculos de 32 paginas.

6 fasciculos (um semestre) constituem um tomo.

A Redacção compromette-se a não suspender a publicação do CENACULO sem deixar completo o tomo encetado. Em caso de força maior, alem da boa vontade da Redacção, será restituída aos Srs. Assignantes, pelo Thezoureiro do CENACULO, a importancia dos fasciculos não publicados.

O CENACULO acceita assignaturas relativas apenas a um semestre.

Preço da assignatura :

Semestre	6\$000
--------------------	--------

As assignaturas podem ser tomadas em qualquer tempo, terminando sempre em 30 de Junho e 31 de Dezembro.

O Assignante terá direito aos numeros atrasados, pertencentes ao semestre.

Venda avulsa :

Fasciculo	1\$500
---------------------	--------

Fasciculo de mezes atrasados	2\$000
--	--------

EXPEDIENTE

O CENACULO acceita com prazer a collaboração dos estudiosos.

Os artigos anonymos não serão publicados.

Os artigos não publicados não serão restituídos.

A revisão das provas typographicas fica exclusivamente a cargo da Redacção.

Toda e qualquer correspondencia deve ser endereçada para a

RUA SILVA JARDIM, N. 108

O CENACULO acha-se á venda nas Livrarias da Capital.